

LISIARA DO AMARAL RAMIRES RELVAS



1290003862

TCC/UNICAMP
R279p
1290003862/FE

20090730

**A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ESCOLAR ARTICULADA À HISTÓRIA
DO PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS**

Campinas – 2008

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

LISIARA DO AMARAL RAMIRES RELVAS

A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ESCOLAR ARTICULADA À HISTÓRIA
DO PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS

Trabalho de Conclusão do Curso de
Pedagogia da Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas -
UNICAMP.

Campinas – 2008

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA	TCC
	R279a
V:EX:.....
Tombo:	4225
PROC.:	148/09
C:D: X
PREÇO:	31,00
DATA:	14/10/09
CÓD TITULO	467156

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

R279a	<p>Relvas, Lisiara do Amaral Ramires</p> <p>O arquivo histórico do primeiro grupo escolar de Campinas : fontes para a história da educação / Lisiara do Amaral Ramires Relvas. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.</p> <p>Orientador : Maria Cristina Menezes.</p> <p>Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.</p> <p>1. Grupo escolar. 2. Historia da educação. 3. Arquivo escolar . I. Menezes, Maria Cristina. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.</p> <p>09-030-BFE</p>
-------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Sumário

1. Introdução	5
<hr/>	
2. Os Grupos Escolares	7
<i>2.1) A Criação do Primeiro Grupo Escolar em Campinas</i>	<u>8</u>
<i>2.2) A Educação e suas Representações no cenário republicano</i>	<u>10</u>
<hr/>	
3. Da Memória Escolar para a História	15
<hr/>	
4. A Relevância do Arquivo Escolar da Instituição no Âmbito de Pesquisa	17
<i>4.1) Procedimentos Metodológicos da Pesquisa</i>	<u>19</u>
<hr/>	
5. A pesquisa	21
<i>5.1) Os Primeiros Passos para a Organização do Arquivo</i>	<u>23</u>
<i>5.2) O Plano de Arranjo e a Descrição</i>	<u>26</u>
<i>5.3) O Trabalho com a Documentação Iconográfica</i>	<u>29</u>
<i>5.4) Integração com a Comunidade Escolar</i>	<u>30</u>
<i>5.5) Integração do Projeto específico com o Projeto maior</i>	<u>31</u>
<i>5.6) As Etapas de Trabalho</i>	<u>32</u>
<hr/>	
6. Conclusão	38
<hr/>	
7. Referências Bibliográficas	40
<hr/>	

Lista de Figuras

(Todas as figuras da época do período escolar fazem parte do acervo da E. E "Francisco Glicério")

Figuras 1 e 2	5
Figura 3	6
Figura 4	8
Figura 5	10
Figuras 6 e 7	11
Figura 8	12
Figuras 9 e 10	14
Figuras 11 e 12	15
Figuras 13 e 14	18
Figuras 15, 16 e 17	20
Figura 18	21
Figura 19	22
Figura 20 e 21	23
Figuras 22, 23 e 24	24
Figura 25	25
Figuras 26 e 27	29
Figura 28	30
Figura 29	33
Figura 30	35
Figura 31	37



Figura 3 – Visita periódica ao Gabinete dentário da escola.

Este trabalho buscou uma possibilidade de articulação entre as informações coletadas com o objetivo de servir para pesquisas acadêmicas, como também para consultas da população em geral.

Todo o trabalho que está sendo desenvolvido na EE “Francisco Glicério” está inserido no projeto “Preservação do patrimônio histórico institucional: a importância dos acervos escolares no estudo da instituição”, do qual sou membro, sob a orientação da Profª Drª Maria Cristina Menezes, e baseado em leituras acadêmicas que dissertam sobre o tema.

O capítulo “Os Grupos Escolares” traz os movimentos políticos e sociais, que aconteciam na época da criação dos Grupos Escolas no Estado de São Paulo, mostra o cenário republicano em Campinas, como aconteceu a criação dessas instituições e a importância do Grupo Escolar “Francisco Glicério” nesse contexto. “Da Memória Escolar para a História” mostra como o tema deste trabalho é abordado pela literatura científica.

O capítulo 4 traz um quadro geral sobre a pesquisa no interior da Escola Estadual “Francisco Glicério”, onde funcionou o Primeiro Grupo Escolar de Campinas, que ainda deixa marcas em sua arquitetura e seus documentos. No capítulo 5 descrevo o percurso dessa pesquisa.

2. Os Grupos Escolares

Com a Proclamação da República no Brasil, em 1889, a educação no Estado de São Paulo tornou-se ainda mais relevante, uma vez que se acreditava no poder da escola em moralizar, disciplinar e civilizar as novas gerações consolidando a ordem social. Para a viabilização desse processo, acreditava-se em um projeto de civilização das massas populares, em que se colocava a educação popular como uma necessidade política e social.

"A criação dos grupos escolares surge no interior do projeto político republicano de reforma social e de difusão da educação popular." (Souza, 1998). A designação de Grupo Escolar vem do Regulamento da Instrução Pública do Estado de São Paulo, Decreto 248, de 26 de julho de 1894, este afirmava que nos lugares de alta densidade populacional, em que houvesse mais de uma escola no raio fixado para a obrigatoriedade escolar, elas funcionariam num único prédio.

"Cada grupo escolar poderia comportar de 4 a 10 escolas isoladas e seria regido pela quantidade de professores referentes a agrupamentos de 40 alunos, contando também com adjuntos a critério da diretoria. Os alunos seriam distribuídos em 4 classes, para cada sexo, correspondentes aos 1º, 2º, 3º e 4º anos do curso preliminar. Para a direção, o governo nomearia um professor da mesma escola diplomado pela Escola Normal. Nos grupos escolares poderiam funcionar, no mesmo edifício, escolas do sexo masculino e feminino, 'havendo completa separação dos sexos' ." (Souza, 1997, p.12).

Durante esse período, predominava o ensino de primeiras letras através das escolas isoladas, em que um único professor lecionava para alunos de diferentes graus de conhecimento, em salas locadas pelo professor, sem estrutura e materiais adequados.

Nas últimas décadas do século XIX, a instrução pública encontrava-se em estado de abandono na Província de São Paulo e os Grupos Escolares poderiam representar a melhora desse ensino. Paralelamente a isso, a cidade de Campinas era considerada o centro econômico da província, além de se destacar pelos melhores colégios particulares do estado.

De fato, a abertura dos grupos escolares desencadeou o processo de expansão das oportunidades educacionais. A escola pública veio para atender a um grande número de alunos, sob uma nova organização administrativo-pedagógica, que visava racionalizar e padronizar o sistema escolar, para que os desígnios do ideal de educação fossem cumpridos.

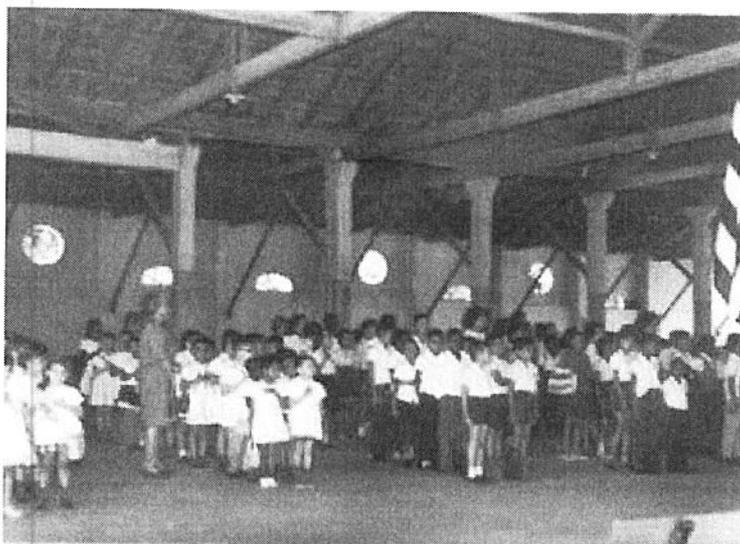


Figura 4 – Entrada do 2º período do Grupo Escolar "Francisco Glicério".

2.1) A criação do Primeiro Grupo Escolar em Campinas

Em Campinas, o processo de expansão do ensino público foi semelhante ao de São Paulo, em ambas as cidades foram lentos e não conseguiram atender às necessidades e às demandas da população. Para Campinas, a difusão da escola pública, com a instalação dos grupos escolares, teve grande relevância no quadro da história da educação e da cultura da cidade. Foi uma das primeiras do interior de São Paulo a ser beneficiada com a instalação de um Grupo Escolar, antes disso, predominavam na cidade as escolas de iniciativa particular.

Os representantes da Câmara Municipal de Campinas lutavam, nessa época pela criação de uma Escola-Modelo, como havia sido criada em São Paulo, anexa à Escola Normal e destinada a prática de ensino dos normalistas.

"Concebida como campo de experimentação para a renovação do ensino, a Escola-Modelo foi organizada com base na graduação escolar – classificação dos alunos por grau de adiantamento – a adoção de modernos métodos e processos pedagógicos, mormente o uso do método intuitivo, além de contar com edifício apropriado, bom mobiliário escolar e abundante material didático." (Souza, 1997, p.15).

No entanto, as solicitações para a criação de uma Escola-Modelo no município foram negadas, em prol da construção de um edifício para a instalação de Grupo Escolar, com a mesma qualidade de uma Escola-Modelo. Essa situação já era indicativa da nova tendência da política educacional da época.

A demanda por educação em Campinas era bastante grande o que levou à criação do Primeiro Grupo Escolar da cidade.

"a 7 de fevereiro de 1897, foi inaugurado o 1º Grupo Escolar que recebeu, posteriormente, o nome de Francisco Glicério. Esse grupo foi criado em 1895, dois anos após ter sido instituída essa modalidade de escola primária no Estado de São Paulo. Para a instalação do grupo escolar, foi construído um edifício na Rua Moraes Sales, no Largo do Riachuelo compreendendo dois pavimentos com quatro salas cada um." (Souza, 1998, p.127).

O projeto do edifício destinado ao Grupo Escolar ficou ao encargo do arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo, e funcionou como planta-matriz para os demais grupos do interior do Estado de São Paulo, construídos na virada do século XX. Essa arquitetura era símbolo da importância que os primeiros governos republicanos dedicavam à escola primária. Tanto que:

"Localizado nas imediações do centro da cidade de Campinas, o grupo escolar, um palacete como era descrito na época, contrastava com as residências e as casas de comércio. Mais que uma casa de instrução, ele informava à sociedade os valores sociais, culturais e morais dos quais se tornava o guardião. O frontão da fachada do edifício foi ornamentado com um relógio revelador de um desses simbolismos, isto é, a escola como uma instituição de ordenação temporal da infância e da vida social." (Souza, 1997, p.23).

O primeiro Grupo Escolar de Campinas, posterior Escola de Primeiro Grau "*Francisco Glicério*", simboliza a história da institucionalização da escola pública republicana no Estado de São Paulo e a proclamada democratização do ensino no Brasil. Além de sua identidade arquitetônica, possui uma

identidade pedagógica construída pelos agentes educativos que passaram por ele.

No caderno de comemoração do centenário da escola, Souza (1997) informa:

"O 1º Grupo Escolar de Campinas surge, portanto, como uma escola imbuída dos valores republicanos e portadora da função política e social de educação das camadas populares, isto é, ela foi responsabilizada pela formação do cidadão republicano e considerada um instrumento de moralização e civilização do povo." (p.102-103)

"Para uma centena de professores primários, esse grupo escolar constituiu o lugar do exercício profissional do magistério, o ofício de ensinar recriado quotidianamente a cada turma de alunos a cada ano letivo. A construção de um saber-fazer docente envolveu práticas, valores, hábitos, rituais. Uma história de dedicação, esforço e trabalho incomensuráveis." (p.103)

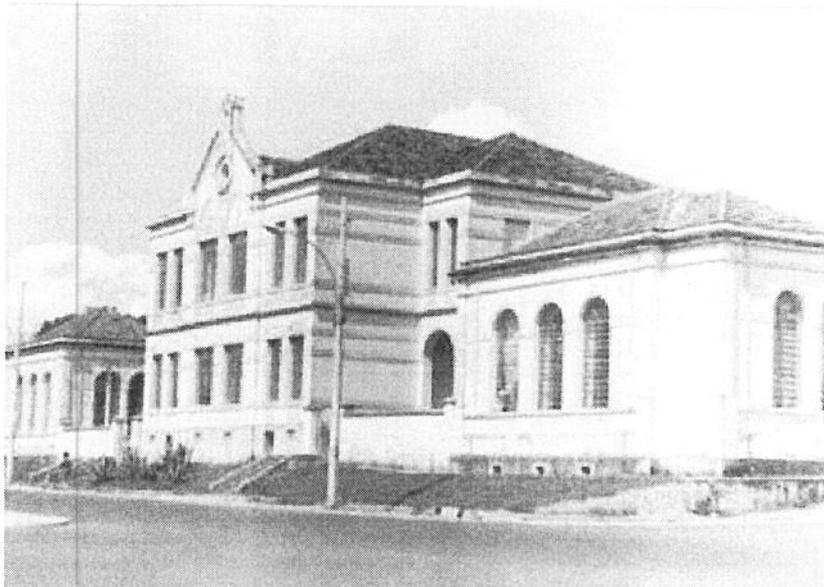


Figura 5 - Fachada do Primeiro Grupo Escolar de Campinas.

2.2) A Educação e suas Representações no Cenário Republicano

No início do século XX é instituída pelo regime republicano a necessidade social da educação popular, o que leva a escola ser importante tema político.

“(A educação) Foi considerada nessa época, condição imprescindível para a cidadania, um meio necessário para a consolidação da nova ordem social e o maior problema da Nação. Difundiu-se também nesse período, a concepção ideológica segundo a qual a escola seria o *locus* de promoção da equalização social.” (Souza, 1998, p.18).

Por educação popular, entendia-se o ensino primário destinado a educação do povo. As elites dirigentes defendiam esse direito em prol da consolidação do novo regime.

Em 14 de julho de 1891 foi promulgada a Constituição do Estado que estabeleceu a liberdade, a gratuidade e a obrigatoriedade do ensino primário dos 8 aos 12 anos de idade. Essa constituição foi baseada nos princípios pedagógicos de ensino leigo, público, integral, obrigatório e científico.

Concomitante a esses acontecimentos, nos grupos escolares institucionalizavam-se várias práticas que constituíram uma cultura escolar, dentre elas, a criação dos *exames públicos*, que eram avaliações sistemáticas e contínuas e serviam como critério de seleção de qualidade do ensino. Outra prática bastante importante eram as festas de comemorações de datas cívicas, que reforçavam os valores cívico-patrióticos.



Figuras 6 e 7 – Desfile e exposição escolar.

Em 1917, o Primeiro Grupo Escolar de Campinas passa a ser denominado Grupo Escolar “Francisco Glicério”, em homenagem ao republicano campineiro morto no ano anterior. Essa mudança foi importante no sentido de reafirmar o espírito republicano e patriota que a instituição representava, mas não houve rupturas de cunho pedagógico.



Figura 8 – Inauguração do retrato do patrono em 14/08/1956.

Nos anos 1904 e 1918 aconteceram reformas que alteraram o conteúdo das matérias e a orientação metodológica, mas permaneceu a essência do programa pedagógico estabelecido em 1892.

Nessa época, a questão do analfabetismo já preocupava e uma das sugestões dada ao problema foi “*ensinar pouco a muitos atingindo assim, a alfabetização em massa*” (Souza, 1997, p. 60).

Em 1920, houve a Reforma da Instrução Pública no Estado de São Paulo, baseada em idéias nacionalistas, seu principal objetivo era a erradicação do analfabetismo. A década de 1920 foi marcada pela premissa o *progresso dentro da ordem* (Souza, 1998) e precisava de um projeto pedagógico voltado para a mudança social.

Um dos aspectos mais relevantes nessa reforma era a obrigatoriedade escolar, nos grupos escolares havia incentivos e prêmios aos alunos que levassem crianças para se matricular.

“Os alunos que levassem crianças à matrícula teriam seus nomes inscritos no quadro negro, em lugar distinto, sob o título: lista dos patriotas. O aluno que conseguisse a matrícula de 10 crianças ou mais seria considerado ‘auxiliar da alfabetização’.” (Souza, 1997, p.61).

Também nessa década houve manifestações do movimento da Escola Nova, em que a educação popular objetiva a preparação para um ofício, além de formação moral e cívica. Já o movimento operário traz outra relevância ao ensino do povo: este como instrumento de luta social.

A década de 1930 foi marcada, principalmente pela Revolução de 1932, o Estado de São Paulo assumiu a causa constitucionalista, envolvendo muitos setores sociais, inclusive as escolas públicas que fizeram várias campanhas de arrecadação de fundos em prol do movimento, além de professores altamente comprometidos com a causa.

Nas décadas seguintes, a educação primária foi marcada pela exaltação da pátria e alfabetização das massas. Em 1939 foi instituído o culto à bandeira, em 1940, amplia-se a assistência escolar, em 1947 e 1948, os programas de estudos ganharam uma configuração mais simplificada.

Em Campinas era grande o crescimento do ensino, tanto público, como privado, dado o crescimento urbano com a ampliação do setor terciário da economia e também do setor de serviços. No entanto, a expansão do ensino primário era muito lenta em relação ao crescimento populacional.

Os documentos encontrados na escola nos revelam que o Grupo Escolar “Francisco Glicério” atendia alunos de diversas classes sociais. Os livros de matrícula mostram que seus estudantes eram filhos de trabalhadores do comércio, da indústria, negociantes, alfaiates, sapateiros, padeiros, funileiros, mascates, ferroviários, funcionários públicos, operários, mecânicos, entre outros, como também filhos de profissionais liberais, proprietários e industriais.

Nesses documentos também é possível identificar que muitos filhos de imigrantes estudaram nesse Grupo, que tinha como um de seus objetivos a nacionalização dessas pessoas.

“Por cerca de sete décadas manteve-se o Grupo Escolar Francisco Glicério como baluarte do ensino público na cidade de Campinas. Aos poucos, o palacete foi tornando-se ‘um velho casarão’ sucumbido no meio dos edifícios elevados e do trânsito rápido das avenidas centrais.” (Souza, 1997, p. 83).

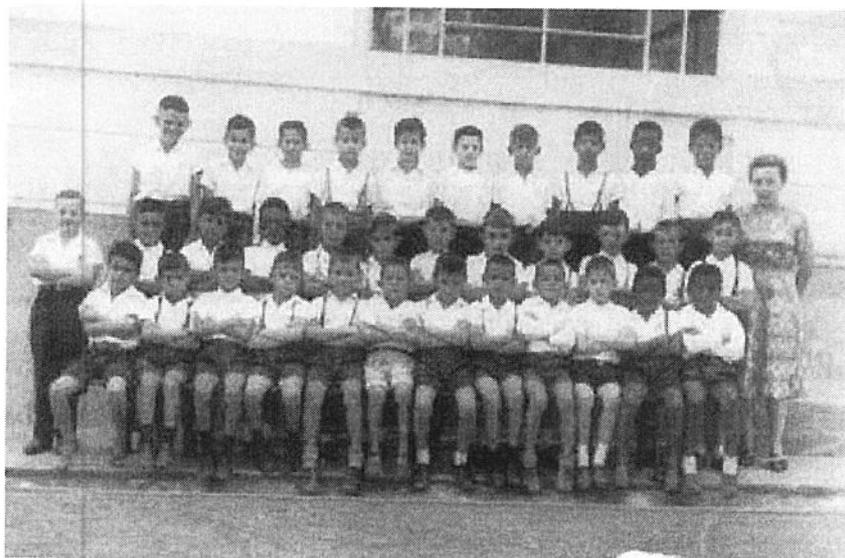


Figura 9 – 1º ano B da seção masculina de 1956.



Figura 10 – 1º ano B da seção feminina de 1956.

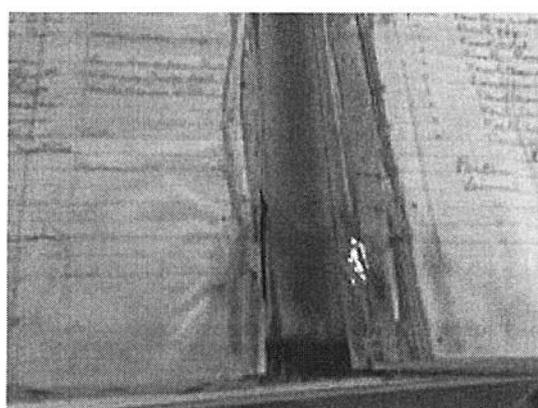
3. Da Memória Escolar para a História

O Grupo Escolar “Francisco Glicério” foi o primeiro de alguns outros em Campinas, cujas histórias nos impulsionam a agir para a preservação e conservação desse patrimônio escolar que cada um deles constitui.

O tema proposto para a pesquisa aqui apresentada é ainda incipiente, por isso não há muito material disponível. No entanto, assiste-se, a cada dia, o aumento de projetos que buscam a (re) construção das memórias escolares através dos acervos históricos das instituições escolares.

São projetos que pretendem recuperar livros, fotografias e documentos que tragam informações relevantes para a construção da história das instituições escolares e, mais do que isso, pretendem preservar e conservar essas informações por meio de memoriais, arquivos ou museus.

Ao chegarem às instituições, os pesquisadores encontram os documentos em condições lamentáveis, com muita poeira, traças e outras pragas, quando ainda não se transformaram numa massa de papel irrecuperável, e muitas vezes estão jogados numa pequena sala, chamada por todos de “arquivo morto”. Nesses casos, os projetos de pesquisadores ganham ainda mais um enfoque: a conscientização da população escolar, que vem com a desmistificação dessa denominação que pressupõe a inutilidade daqueles documentos, e, conseqüentemente das informações neles contidas. Sobre essa questão, Bonato (2005) diz que *“Esse entendimento errôneo é prejudicial, à preservação dos documentos, pois o ‘morto’ não serve mais, é apenas uma massa de papel velho ocupando espaço, podendo ser descartável.”* (p.5).



Figuras 11 e 12 – Documentos encontrados na EE “Francisco Glicério” em 2006.

É importante destacar que a organização desses espaços de recuperação da memória e da história não é aleatória, ao contrário, segue padrões reconhecidos internacionalmente de descrição de documentos, acondicionamento, etc., o que possibilita o acesso e a interlocução entre os pesquisadores de diferentes nacionalidades.

Além desses projetos também há bibliografias que discutem e defendem a importância desses patrimônios. No livro organizado por Menezes (2004), no artigo intitulado “*Rememoro: Ato de repensar a educação*”, a autora afirma:

“A história difere da memória, o conhecimento que se produz a partir dela é produzido e compartilhado coletivamente, pois trata-se de uma atividade social. Há então que se lembrar, há que se construir lugares, ou buscar os já constituídos para essa (re) construção.” (p.8).

Existem ainda livros que tratam mais especificamente da história das instituições escolares no estado de São Paulo, ou ainda da cidade de Campinas. Essas obras escritas principalmente por Rosa Fátima de Souza trazem um quadro direcionado a essas localidades, o que possibilita maior riqueza de detalhes e especificidades relevantes nessa questão.

O caderno de comemoração, *Educação e Tradição: EEPG “Francisco Glicério” de Campinas 1897 – 1997*, do centenário dessa escola traz informações sobre a fundação do primeiro Grupo Escolar de Campinas, sobre a transição de Grupo Escolar para Escola de Primeiro Grau, sobre a arquitetura, a importância dessa escola para a cidade.

Essa história possibilita a articulação da criação dos grupos escolares com o momento histórico e político que a cidade se encontrava, e a necessidade que levou à abertura dos grupos, e, mais tarde, a sua transformação.

“A visibilidade do universo educacional em Campinas, oferece uma visão da importância social da educação permitindo supor a relevância da mesma no meio popular. Nesse período, a educação consistia em um canal de inserção do universo político, social, econômico e cultural. A exclusão das classes populares da escola significou, de certa forma, o alijamento de todas essas possibilidades.” (SOUZA, 1998 , p.187)

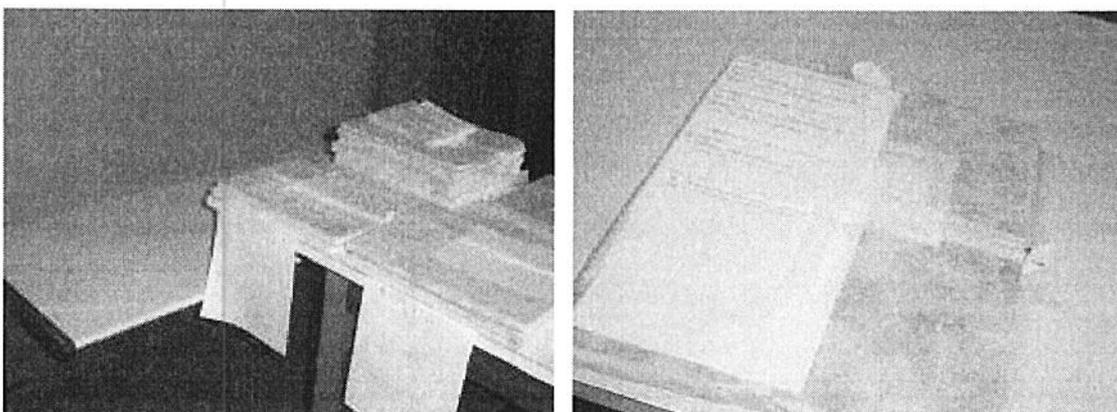
Esse trabalho nas instituições, apesar de recente, tem sido muito valorizado por sua importância histórica e educacional, inclusive em países da Europa e América Latina, onde se desenvolvem pesquisas sobre a história das instituições que trazem a preocupação com a preservação e o estudo dos acervos históricos das instituições.

4. A Relevância do Arquivo Escolar da Instituição no Âmbito da Pesquisa

A pesquisa que está sendo realizada no Grupo Escolar “Francisco Glicério” visa a (re) construção da História da Educação primária desse grupo, enfatizando a importância do arquivo escolar nessa (re) construção. Objetiva também o apoio a outros pesquisadores que pretendam pesquisar nesses espaços, servindo como base para futuros projetos e pesquisas, no sentido de trazer informações relevantes que possam ser ponto de partida para outras pesquisas.

Este trabalho está inserido num projeto maior, de responsabilidade da Profa. Dra. Maria Cristina Menezes da Universidade Estadual de Campinas, que tem como objetivo geral a organização dos arquivos históricos, bibliotecas e material museológico das escolas públicas republicanas mais antigas de Campinas, a fim de organizar e preservar o patrimônio histórico-escolar da cidade.

O presente trabalho busca a identificação das fontes documentais do Primeiro Grupo Escolar de Campinas e a descrição das mesmas, de acordo com as normas internacionais de descrição (ISAD-G). A integração realizada àquele projeto será dada a partir da articulação desses propósitos com o Primeiro Grupo Escolar de Campinas, atual Escola Estadual “Francisco Glicério”.



Figuras 13 e 14 – Documentos higienizados e acondicionados em TNT, organizados por tipologia e com breve identificação à vista, em folha sulfite.

Visa-se a valorização do acervo pela comunidade como instrumento de compreensão das contribuições da instituição para a história da educação e a conscientização da preservação dos centros de documentação.

A pesquisa tem a intenção de organizar o arquivo histórico do Primeiro Grupo Escolar de Campinas para resgatar a história e a memória dessa instituição de ensino público do período republicano, como também guardar e assegurar a preservação dessas fontes documentais, sendo essas fontes riquíssimas da história da educação em Campinas e no Estado de São Paulo, em específico a história do grupo escolar em questão, portanto trata-se de resgatar parte da história da educação de Campinas.

Pensando que os grupos escolares ainda existem como estrutura material e também na memória da população, torna-se, portanto, fundamental que se invista na preservação das fontes documentais produzidas por essas instituições escolares, porque são instituições detentoras de uma nova forma escolar, que se plasmou nas instituições escolares a partir, sobretudo, do final do século XIX.

4.1 Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

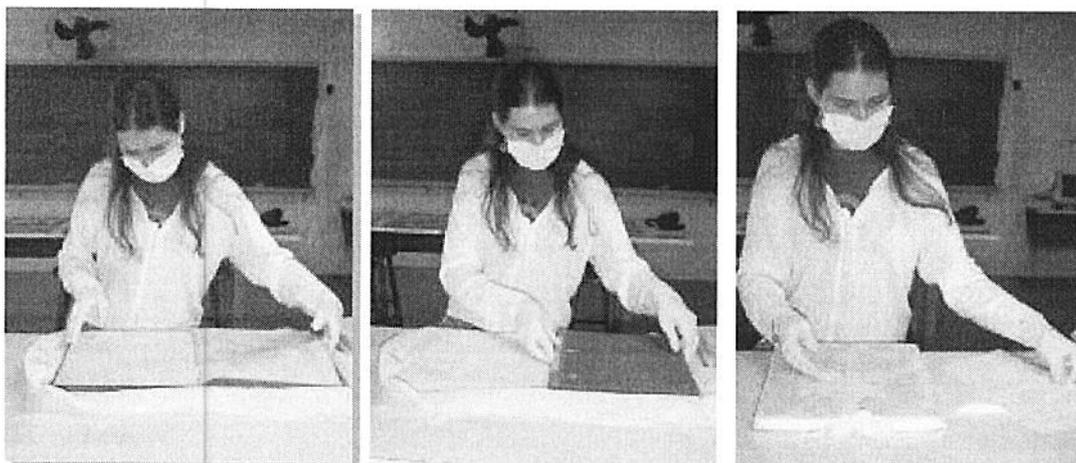
A pesquisa está sendo realizada de forma exploratória, ou seja, com base na localização, na identificação, na organização e na descrição das fontes documentais do Primeiro Grupo Escolar de Campinas. Além da pesquisa bibliográfica em busca de fontes secundárias sobre o tema e também com o objetivo de esclarecer a importância e os devidos cuidados com o manuseio das fontes primárias.

Leituras, oficinas e treinamentos foram realizados para o devido domínio das técnicas de arquivística necessárias para esse trabalho, além de possibilitar a integração ao trabalho de constituição da tipologia dessas fontes realizadas num âmbito maior pela equipe da professora orientadora Maria Cristina Menezes no projeto citado anteriormente.

Os documentos encontrados já passaram pelo processo de desinfestação, higienização, e identificação. Também foi produzido o quadro de

arranjo para melhor organização do arquivo, que está servindo de base para a descrição dos documentos que segue as normas internacionais de arquivística, em especial a ISAD-G (norma geral internacional de descrição arquivística). Também os materiais iconográficos foram higienizados, identificados e digitalizados.

Essa pesquisa tem trazido informações relevantes sobre a história da instituição, como a identidade de alunos e professores, que mostra, de fato, a quem a escola servia; os conteúdos estudados, deixando clara sua função patriótica e civilizatória; além da organização administrativa e pedagógica, que, em muitos aspectos, permanece até hoje; os tipos de festas e comemorações, que evidenciam os valores da instituição inserida numa sociedade republicana, entre muitos outros dados que nos permitem (re) construir essa história.



Figuras 15, 16 e 17 – Documentos higienizados e identificados, sendo acondicionados em TNT, com breve identificação à vista, em folha sulfite.

5. A pesquisa

Ao atravessar os portões da Escola Estadual “Francisco Glicério”, olhar sua fachada, abrir as grandes portas de madeiras, pisar no chão xadrez preto e branco, senti um grande encantamento, tudo em sua arquitetura refere-se ao período do Grupo Escolar, eternizado em suas paredes, no palco localizado no pátio, nas escadarias, e, claro, na fachada, onde vemos escrito “Grupo Escolar ‘Francisco Glicério’”.



Figura 18 – Fachada do Grupo Escolar “Francisco Glicério”.

Nas fotos encontradas vemos o prédio da mesma forma, fechando os olhos podemos ver os meninos e meninas passeando pelos corredores, cada qual em seu espaço, sem se misturar, como era a regra. Percebemos a instituição como descrita por Rosa Fátima:

“Os grupos escolares constituíram-se em escolas modelares pela sua organização administrativa e pedagógica compreendendo uma escola com várias salas de aula e vários professores para atender um grande número de crianças; classificação dos alunos pelo grau de adiantamento, divisão do trabalho docente (a cada professor correspondia uma turma de alunos de uma mesma série), a criação da figura do diretor de escola, a instalação da escola em edifício especialmente construído ou adaptado para fins escolares, adoção de modernos métodos pedagógicos, uso de programas de ensino enriquecidos e enciclopédicos, estabelecimento de novos processos de avaliação e seleção dos alunos, adoção de processos disciplinares modernos, uso de novos materiais escolares e materiais didáticos.” (Souza, 1997, p. 11).

A pesquisa iniciou-se com a organização de uma sala cedida para o projeto, pela administração da EE “Francisco Glicério”, onde funcionava um laboratório desativado, para lá foram recolhidos os primeiros documentos históricos encontrados, mas logo o projeto mudou de sala, migrando para o porão da escola, um lindo e escuro porão, numa sala, onde anteriormente funcionava a sala de vídeo, a pesquisa começou a ganhar vida. O local comporta armários, bancos, duas bancadas e uma lousa à disposição do projeto, embora os armários estejam sendo utilizados para guardar instrumentos necessários, não são apropriados para o armazenamento do material documental, pois estão com falta de prateleiras e sem fechadura.

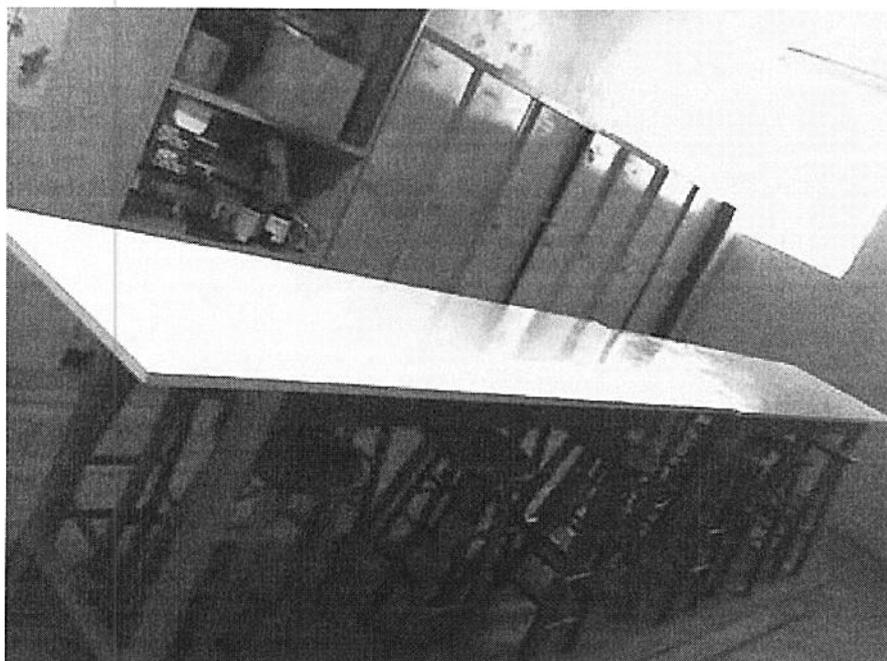
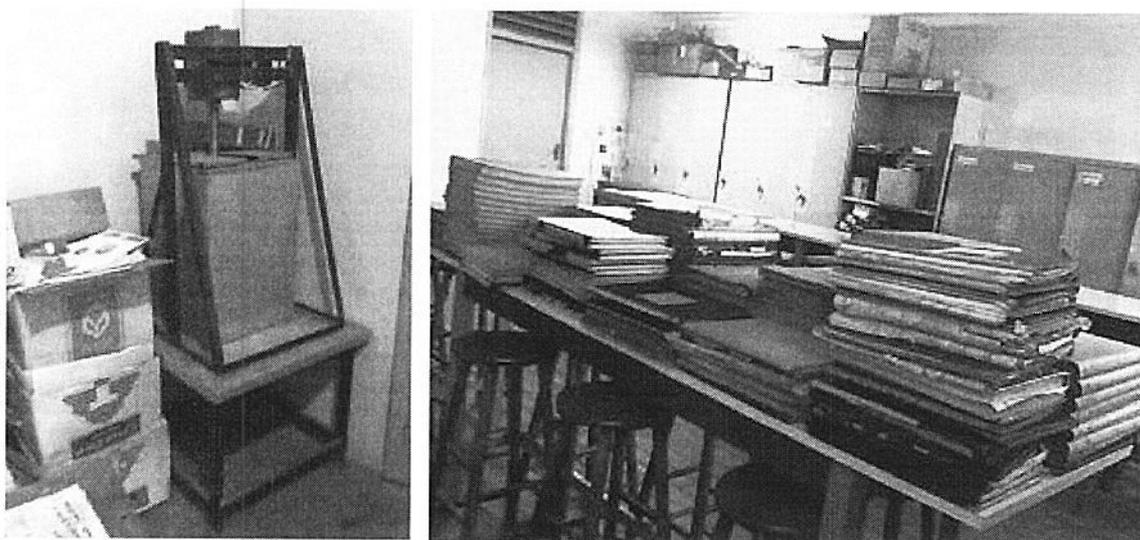


Figura 19 – Sala localizada no porão da escola concedida ao projeto.

Com o local organizado, foram recolhidos os materiais museológicos e documentos do grupo escolar existentes na própria escola, do período em que funcionava o Grupo Escolar. A maior parte desses materiais foram achados numa saleta localizada no lado da cantina da escola, utilizada como almoxarifado, a que todos conheciam por “arquivo morto”. Nesse local não havia muita organização, um local de despejo, tudo muito empoeirado, jogado às traças, literalmente, pois havia algumas pragas, dentre elas as traças. Apesar disso, os documentos estavam relativamente em bom estado.



Figuras 20 e 21 – Antiga máquina de bater leite na saleta, onde os documentos estavam e estes já na sala cedida ao projeto.

Dentre os materiais foram encontrados cerca de duzentos e cinquenta documentos escolares e administrativos, três álbuns de fotografias, além de dois mimeógrafos, uma máquina de escrever, uma máquina fotocopadora, uma caixa de som, alguns discos de vinil, três quadros, uma maquete, uma calculadora e livros da biblioteca.

5.1) Os Primeiros Passos para a Organização do Arquivo

A organização do arquivo escolar iniciou-se com a reunião dos documentos encontrados na escola e seu tratamento, para que pudessem ser seguramente manuseados, sendo assim, todos os documentos encontrados

passaram pelo processo de desinfestação, no qual foram colocados em sacos de barreira, vedados e introduzido o nitrogênio, sob a ação do qual permaneceram durante quinze dias. Também passaram pelo processo de higienização, no qual são utilizados pincéis macios, na limpeza página por página, e demais partes de cada livro; bonecas de borracha ralada foram utilizadas para remover manchas, além da utilização de bisturi sem ponta (ou estilete) nas partes mais danificadas, onde havia sujidades em relevos. Após a limpeza fez-se a oxigenação, folheando o livro cuidadosamente (quando possível), o pó retirado foi aspirado durante o processo de higienização, conforme normas da área arquivística.

Todas as fotografias do período de funcionamento do Grupo Escolar (1897-1971) foram digitalizadas e brevemente identificadas segundo as legendas encontradas nos álbuns, como preparação para o trabalho de constituição do banco de imagens. Essas fotografias foram encontradas em bom estado, já com alguma organização, quando foram retiradas de seus álbuns originais e reorganizadas em álbuns comuns antes dessa pesquisa.



Figuras 22, 23 e 24 – Fotografias dos álbuns encontrados: da esquerda para a direita, diretoria, concurso de orfeões de 1962 e professora Benedita Wutke.

Esses documentos já foram identificados, em papel sulfite discriminou-se a tipologia, a data, o diretor da instituição, a referência numérica (quando havia) e eventuais observações, como por exemplo, pedaços de jornais anexados, entre outras, referentes àquele documento; e acondicionados em TNT, devidamente envelopado e amarrado com tiras macias do mesmo tecido, entre as tiras colocou-se a identificação à vista. O TNT é utilizado porque protege o documento e, ao mesmo tempo, possibilita sua ventilação. Em todo o

processo houve cuidado com a proteção dos pesquisadores com a utilização de máscaras, luvas, toucas e jaleco.

Durante a identificação dos documentos, foi comunicado pela equipe da secretaria da escola que algumas informações, que constavam nas capas dos documentos, não correspondiam àquele material, pois houve um período na instituição em que utilizavam capas quaisquer para documentos de tipos diferentes. Sendo assim, alguns materiais estavam identificados de forma inadequada, pois a capa estava sendo considerada, até então, a maior fonte de informação da tipologia de cada documento.

A partir desse episódio, houve um processo de (re) identificação: os documentos que já estavam identificados e acondicionados foram submetidos a um novo exame tipológico, mais detalhado e rigoroso. Nessa análise, observou-se o conteúdo de cada documento, em suas páginas internas, para avaliar a tipologia, assim essa etapa foi realizada com êxito.

Atualmente, todos os documentos encontrados estão identificados e acondicionados em TNT, que, como dito anteriormente, protege o documento e permite ventilação, devidamente envelopados e com a identificação à vista.

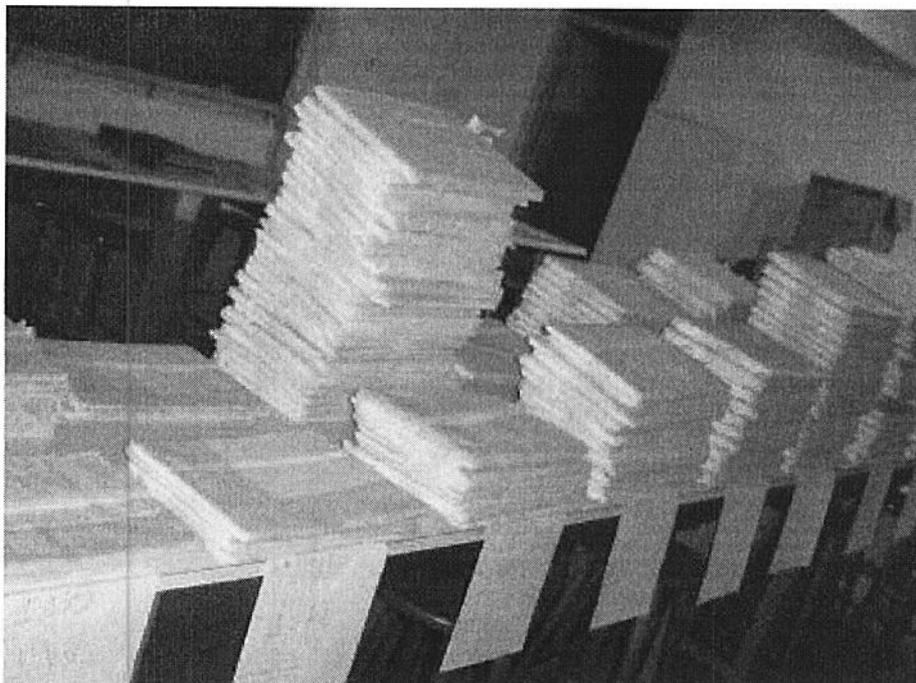


Figura 25 – Documentos higienizados, acondicionados e organizados por tipologia com identificação à vista.

5.2) O Plano de Arranjo e a Descrição

Com vista na elaboração e organização do plano de arranjo do acervo documental, os documentos foram organizados por tipologia, com as datas-limites expostas na bancada. Assim, temos a seguinte relação:

- Folhas de pagamento - 2 documentos (de 1962 a 1964);
- Livros de registro – 7 documentos (de 1920 a 1983);
- Mapas do movimento – 31 documentos (de 1942 a 1971);
- Fichas de exercício de professores efetivos e adjuntos – 3 documentos (de 1904 a 1949);
- Controle bibliotecário – 2 documentos (de 1955 a 1964);
- Despesas - 4 documentos (de 1919 a 1974);
- Atas de exames – 8 documentos (de 1933 a 1957);
- Boletins de freqüência de professores e funcionários – 16 documentos (de 1945 a 1971);
- Compromissos – 2 documentos (de 1905 a 1957);
- Matrícula – 57 documentos (de 1929 a 1975);
- Ponto – 74 documentos (de 1931 a 1971);

- Itens documentais - 6 documentos (de 1897 a 1964):
- Livro de Ouro do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (1954);
- Trabalho de aluno – Galeria de brasileiros ilustres (1932);
- Livro dos professores (1897 a 1939);
- Livro de atas – Associação de pais e mestres (1931);
- Metodologia e prática da educação (1964);
- Livro de exposição – 2 volumes (1957).

Já na organização inicial do plano de arranjo foi pensado pelo grupo do projeto maior “Preservação do patrimônio histórico institucional: a importância dos acervos escolares no estudo da instituição”, a divisão dos grupos no plano de arranjo pelas denominações da escola, já que em outras instituições do

projeto foi feito dessa maneira. No entanto, durante o período da escola em funcionou o Grupo Escolar (1897 a 1971) existiram apenas duas denominações: Primeiro Grupo Escolar de Campinas (de 1897 a 1917) e Grupo Escolar “Francisco Glicério” (de 1917 a 1971), todavia essa mudança foi apenas nominal, para homenagear o campineiro Francisco Glicério, que morrera em abril de 1916, e não como fruto de alguma ruptura, como no caso de outras instituições:

“(…) nos primeiros vinte anos de funcionamento, esse estabelecimento de ensino continuou sendo designado 1º Grupo Escolar. Somente em 1917, recebeu a denominação “*Francisco Glicério*” em homenagem ao campineiro morto em 12 de abril de 1916. A denominação do grupo escolar consistiu a segunda homenagem prestada pela cidade de Campinas ao republicano Francisco Glicério de Cerqueira Leite. A primeira fora a denominação dada em 1889, à antiga rua do Rosário, onde ele residiu no século XIX – avenida Francisco Glicério – uma das mais conhecidas da cidade.” (Souza, 1997, p. 27).

Sendo assim preferiu-se, para esse acervo documental, criar outra organização para os documentos, seguindo a organização administrativa e pedagógica da escola que é reveladora de seu funcionamento estrutural e de sua base pedagógica, em relação às suas representações históricas, que são muitas.

PLANO DE ARRANJO

Fundo: Grupo Escolar

Grupo: Biblioteca

Controle bibliotecário – 2 documentos (de 1955 a 1964);

Grupo: Professores

Fichas de exercício de professores efetivos e adjuntos – 3 documentos (de 1904 a 1949);

Livros de registro – 7 documentos (de 1920 a 1983);

Grupo: Estudantes

Matrícula – 57 documentos (de 1929 a 1975);

Atas de exames – 8 documentos (de 1933 a 1957);

Grupo: Funcionários

Compromissos – 2 documentos (de 1905 a 1957);

Ponto – 74 documentos (de 1931 a 1971);

Boletins de frequência de professores e funcionários – 16 documentos (de 1945 a 1971);

Mapas do movimento – 31 documentos (de 1942 a 1971);

Despesas - 4 documentos (de 1919 a 1974);

Folhas de pagamento - 2 documentos (de 1962 a 1964);

Itens documentais:

Trabalho de aluno – Galeria de brasileiros ilustres (1932);

Livro dos professores (de 1897 a 1939);

Metodologia e prática da educação (1964);

Livro de Ouro do Grupo Escolar “Francisco Glicério” (1954);

Livro de atas – Associação de pais e mestres (1931);

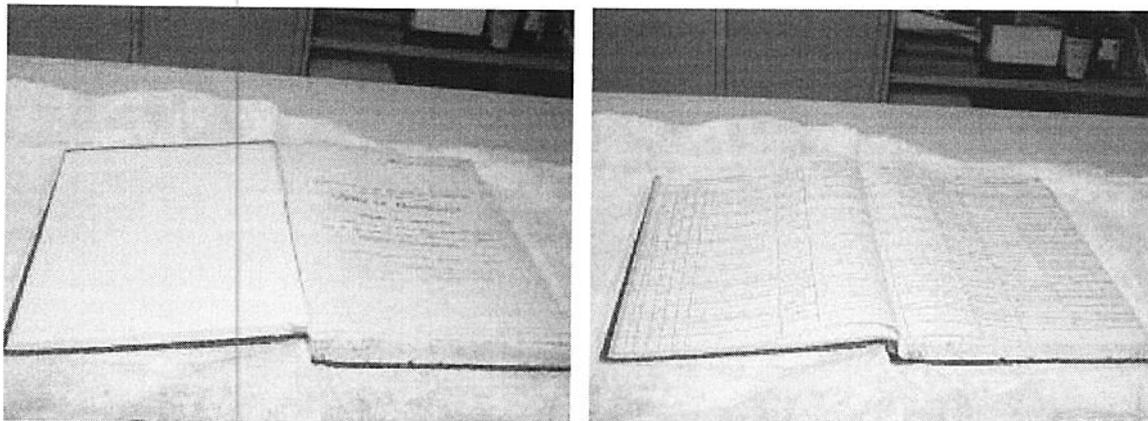
Livro de exposição – 2 volumes (1957).

O *Livro de Ouro do Grupo Escolar “Francisco Glicério”*, mencionado entre os itens documentais acima, é fruto de uma campanha em prol do cine educativo, Radio Educativo e reforma do piano, realizada em 1954, sob a direção do professor Antônio Carreiro de Medeiros, que esteve por alguns anos da direção da instituição.

A organização acima segue a inicial, tal como os documentos foram encontrados; alguns estão unidos em pares ou trios de documentos, seguindo a lógica anterior a esse trabalho.

Com base nesse plano de arranjo, iniciou-se o trabalho de descrição dos documentos, que segue as normas internacionais de arquivística, em especial a ISAD-G (norma geral internacional de descrição arquivística).

Essa descrição é feita por item, seguindo a descrição da série como um todo. Assim é possível saber aspectos gerais da série e também os conteúdos de cada item.



Figuras 26 e 27 – Documento, após tratamento, em fase de descrição.

Já estão descritas as séries do Grupo Biblioteca e do Grupo Professores; e está em andamento a descrição dos documentos do Grupo Estudantes.

5.3) O Trabalho com a Documentação Iconográfica

Ao trabalhar com as fotografias encontradas, tive a preocupação de digitalizá-las para que pudessem ser utilizadas e pesquisadas, sem o contato com as originais, que poderia acelerar o processo de degradação das mesmas.

Quanto à preparação para o banco de imagens, todas as fotografias do período de funcionamento do Grupo Escolar (1897-1971) foram digitalizadas e identificadas conforme legendas encontradas nos álbuns e estão devidamente salvas em formato adequado para uso no projeto, como exposições e publicações, e também para o trabalho de constituição de um banco de imagens, que deverá constar em site da instituição.

Ao trabalhar com o banco de imagens do Primeiro Grupo Escolar que estava salvo no computador da Escola Normal, pude verificar alguns erros no arquivo, com a ajuda de uma integrante do projeto maior, pude corrigir o erro e salvar novamente o arquivo.

Durante a pesquisa foram encontradas fotografias também das décadas de 1980 e 1990 da escola, as quais estavam se deteriorando. Mesmo não fazendo parte do período de funcionamento de Grupo Escolar, o trabalho de

pesquisa foi interrompido por alguns dias para que essas fotografias pudessem ser tratadas e conservadas.

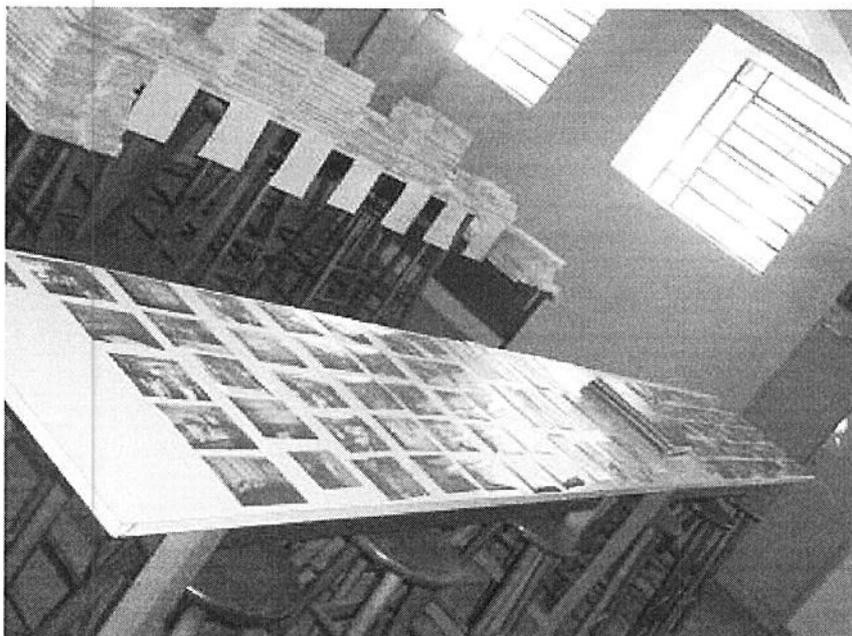


Figura 28 – Fotografias da década de 1980 durante o trabalho de conservação.

Com material adequado para a higienização de fotografias (pincéis macios, luvas de algodão, algodão e aspirador), realizei esse processo e, atualmente, essas imagens estão acondicionadas temporariamente em TNT.

5.4) Integração com a Comunidade Escolar

No âmbito escolar da E. E. “Francisco Glicério”, a pesquisa cumpre com seu objetivo de facilitar a pesquisa de documentos. Algumas vezes a secretaria precisou de documentos históricos, principalmente referentes à ex alunos e, com a organização citada anteriormente, foi possível localizar rapidamente tais documentos, que ainda tem vida no cotidiano escolar, ainda que alguns não acreditem, quando os chamam de “arquivo morto”.

No Primeiro Grupo Escolar estudaram algumas personalidades como o ator Carlos Zara, que foi homenageado com uma praça inaugurada em dezembro de 2007, na cidade de Campinas, para a ocasião dessa inauguração, a coordenadora da escola pediu-me que levantasse brevemente

o histórico dele enquanto estudante da escola. Seu nome, Antonio Carlos Zaratini foi encontrado em quatro documentos históricos: um livro de atas de exames de 1938 a 1941, e três livros de matrículas (de 1938; de 1939; e de 1940 a 1942).

Ao final da descrição e acondicionamento definitivo, essas consultas deverão ser ainda mais ágeis e poderão ser feitas pela própria comunidade escolar, sem o meu intermédio.

5.5) Integração do Projeto específico com o Projeto maior

As pesquisas envolvidas no projeto maior “Preservação do patrimônio histórico institucional: a importância dos acervos escolares no estudo da instituição”, sempre estiveram em contato, principalmente em participações de eventos, que também são momentos de diálogo entre os pesquisadores, que têm bom relacionamento entre si, o que torna as pesquisas mais interessantes e completas.

Em 2008 houve uma integração entre os projetos inseridos no projeto maior, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria Cristina Menezes, em que os membros se reuniram no local onde se encontra o arquivo da Escola Normal de Campinas para discutir o andamento dos projetos e também higienizar adequadamente o local, que recebeu novos bolsistas. Essa reunião foi de grande importância para o conhecimento dos trabalhos envolvidos nesse projeto e também para aprender a maneira adequada de higienizar nosso local de trabalho, o arquivo escolar.

Durante a reunião no local de arquivo da Escola Normal, pude resgatar para o acervo do Primeiro Grupo Escolar de Campinas, seis documentos do Primeiro Grupo que foram encontrados no acervo da Escola Normal. Esses documentos correspondem ao período de 1902 a 1933: são dois livros de matrícula do ano de 1928, sendo um da seção masculina e outro da seção feminina; e quatro livros de Atas de exames e promoção de alunos, o primeiro do ano de 1902, o segundo de 1916 a 1924, o terceiro de 1925 a 1927 e o quarto de 1928 a 1933. Existem relatos de que o Primeiro Grupo funcionou por algum período no prédio da Escola Normal; a partir desses documentos e

O ARQUIVO HISTÓRICO DO PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS: FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE, UNICAMP
 Lisiara do Amaral Ramires Relvas (Bolsista FAPESP)
 rodslisi@gmail.com
 e Prof^a Dr^a Maria Cristina Menezes (Orientadora)
 mcris@unicamp.br
 Grupo Escolar - História da Educação - Arquivo Escolar

INTRODUÇÃO

O projeto de preservação do acervo documental do Primeiro Grupo Escolar de Campinas tem grande relevância para a história da educação ao (re)construir a história dessa instituição centenária, além de visar a disponibilidade do acervo documental para a pesquisa científica.

A efetiva ação - de preservação dos documentos dessa instituição - faz-se dentro das normas da arquivística (identificação, desinfestação, higienização, descrição e acondicionamento adequados).

O material documental escrito, encontrado até o momento, encontra-se higienizado, identificado e devidamente acondicionado em TNT em espaço provisionado. As fontes iconográficas foram identificadas e digitalizadas.

A preservação do acervo dessa instituição, símbolo da educação campineira e republicana, representa uma grande contribuição para a história da educação, constituindo-se num lugar da memória, principalmente quando visto no âmbito maior do projeto que engloba outras instituições escolares contemporâneas na cidade de Campinas.

METODOLOGIA

CONCLUSÕES

RESUMOS E CONTAZ



Documentos, fontes e iconográficas acondicionadas em local provisionado.

MENEZES, Maria Cristina. (Et al). O Arquivo Escolar: Lugar da Memória, Lugar da História. Horizontes, Bragança Paulista. V. 6, P. 60-71, 2005.
 SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Manual de trabalho em arquivos escolares. São Paulo: CRE Mário Covas, IMESP, 2003.
 SOUZA, Rosa Fátima de. Educação e Tradição: EEPG "Francisco Gilcério" de Campinas 1897 - 1997. Araraquara: UNESP, 1997.

Figura 30 - Painel apresentado pela bolsista Lisiara do Amaral Ramires Relvas no XV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp.

Cronograma 2008

Atividade 1 – Fotografar as etapas do projeto.

Atividade 2 – Cursar disciplina e participar de palestras e eventos sobre temas coerentes com o projeto.

Atividade 3 – Leituras acerca do tema proposto e temas afins.

Atividade 4 – Confecção de Trabalho de Conclusão de Curso com aprofundamento na pesquisa teórica.

A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ESCOLAR ARTICULADA À HISTÓRIA DO PRIMEIRO GRUPO ESCOLAR DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE, UNICAMP

Lisiara do Amaral Ramires Relvas (Bolsista FAPESP)

rodslisi@gmail.com

e Prof^a Dr^a Maria Cristina Menezes (Orientadora)

mcris@unicamp.br

Grupo Escolar - História da Educação - Arquivo Escolar



Esta pesquisa tem relevância nos trabalhos de preservação do acervo documental escrito e iconográfico do primeiro Grupo Escolar de Campinas, fundado em 1897, assim como para a história da educação, que não atinge somente essa instituição, mas também a educação republicana campineira.

INTRODUÇÃO

A efetiva ação de preservação dos documentos e fotografias dessa instituição faz-se dentro das normas de arquivística (identificação, desinfestação, higienização, descrição e acondicionamento adequados).

METODOLOGIA

A documentação já foi higienizada, identificada, embalada em TNT, para o acondicionamento final nas caixas apropriadas, e armazenada em espaço ainda provisório enquanto desenvolve-se a descrição das fontes de acordo com o plano de arranjo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A preservação do acervo dessa instituição está inserido num projeto maior que engloba outras instituições escolares centenárias na cidade de Campinas e representa uma grande contribuição para a história da educação, constituindo-se num lugar de memória.

*Projeto de preservação documental do Grupo Escolar "Francisco Glícério" em parceria com o Estado de São Paulo, no âmbito do Conselho de Arquivos e Patrimônio da Universidade de Campinas, inserido no plano de preservação e de arranhamento do acervo documental da instituição. (Relvas, 1997, p. 27)

CONCLUSÕES

MENEZES, Maria Cristina. (Et al). O Arquivo Escolar: Lugar de Memória, Lugar da História. Horizontes, Bragança Paulista, V. 6, P. 60-71, 2008.
SÃO PAULO (ESTADO) SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. Manual de trabalho em arquivos escolares. São Paulo: CRE Mário Covas, IMESP, 2003.
SOUZA, Rosa Fátima de. Educação e Tradição: EEPG "Francisco Glícério" de Campinas 1897 - 1997. Araraquara: UNESP, 1997.

Figura 31 - Painel apresentado pela bolsista Lisiara do Amaral Ramires Relvas no XVI Congresso de Iniciação Científica da Unicamp.

6. Conclusão

Os Grupos Escolares no estado de São Paulo marcaram uma época de grandes mudanças no cenário educacional brasileiro. Foi o início da educação nos moldes republicanos, da educação “para todos”. Como afirma Rosa Fátima em sua obra “O Direito à Educação”: *“É incontestável pois, o caráter progressista do ideário educacional defendido pelos liberais republicanos tanto no plano dos discursos, dos projetos e das ações.”* (Souza, 1998, p. 26).

A cidade de Campinas era um grande centro no estado no início do século XX e o Primeiro Grupo Escolar da cidade, com sua localização estratégica e sua arquitetura imponente foi símbolo dessa educação que rompeu com valores imperiais, impondo uma educação patriótica e civilizatória para o povo que deixa permanências históricas e evidentes até hoje.

Os estudos e pesquisas nos arquivos escolares sediados no interior das instituições tem o intuito de (re) construir a história da educação através de dados e materiais produzidos pelos atores locais.

“O esforço em se preservar a memória das instituições, prática que se tem difundido amplamente entre os historiadores da educação, faz com se vá além dos registros escritos, ao se considerar também os suportes que guardam esses registros, que trazem vestígios até então descartados. Pra além dos escritos e seus suportes, a iconografia, vista não mais apenas como ilustração, mas como fonte, dentre outros materiais. É (re) conhecer a escola nos seus objetos, vê-los como suportes físicos das práticas que ali se desenvolveram.”(Menezes, 2005, p. 14).

O arquivo do Grupo Escolar “Francisco Glicério” pretende manter viva e dinâmica a sua história com as várias significações possíveis. O arquivo que será aberto a pesquisas populares e científicas será alvo de vários olhares que fazem a (re) construção da memória da instituição.

Fixado no próprio prédio da instituição, o arquivo escolar, nesse contexto, tem funções sociais, culturais, históricas e pedagógicas, pois abre muitas possibilidades de leituras, conhecimentos e construções intelectuais a partir do cotidiano atual *versus* as produções diárias construídas ao longo da história.

A história desse grupo alinhada a seu tempo e espaço possibilita o entendimento de uma época, uma política, uma pedagogia e uma cultura que ultrapassam seus muros e portões, vão além da memória institucional, mas constrói a história da comunidade e da sociedade campineira.

“O 1º Grupo Escolar de Campinas surge, portanto, como uma escola imbuída dos valores republicanos e portadora da política e social de educação das camadas populares, isto é, ela foi responsabilizada pela formação do cidadão republicano e considerada um instrumento de moralização e civilização do povo” (Souza, 1997, p. 102-103).

7. Referências Bibliográficas

AZEVEDO, J. M. O Estado, a política educacional e a regulação do setor educação no Brasil: uma abordagem histórica. In: FERREIRA, N. S. C. e AGUIAR, M. A. S. *Gestão da Educação: impasses, perspectivas e compromissos*. 2ª Edição, São Paulo: Cortez, 2001.

BELLOTTO, H. L. *Arquivística: objetos, princípios e rumos*. São Paulo, ARQ-SP, 2002.

_____. *Política de ação cultural e educativa nos arquivos municipais*. *Registro*, Rio Claro, v. 1, n. 1, jul. 2002, p. 14-27.

BERNARDES, Ieda Pimenta. *Como avaliar documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.

BONATO, Nailda Marinho da Costa (UNIRIO). Arquivos Escolares: Limites e possibilidades para a pesquisa. <http://www.educacaoonline.pro.br>. Acesso em 7 nov 2005.

CAMARGO, Célia Reis. Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas. In: Silva, Zélia Lopes da, *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo, Ed. da Unesp: Fapesp, 1999. p. 49-63.

DUCROT, Ariane. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 151-174, 1998.

DUSSEL, I. e CARUSO, M.. A Sala de Aula Cresce: A Disciplina nos Tempos da Revolução Industrial. In: _____. *A Invenção da Sala de Aula – Uma genealogia das formas de ensinar*. Editora Moderna, p. 103-116.

FERNANDES, R. História da Educação, História das Mentalidades, História da Cultura. In: FELGUEIRAS, M. L. e MENEZES, M. C. (orgs.). *Rogério Fernandes – Questionar a Sociedade, Interrogar a História, (re)pensar a Educação*. Porto: Edições Afrontamento, 2004, p. 773-787.

GONÇALVES, Janice. *Como classificar e ordenar documentos de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998.

HERRERA, A. H. Arquivos, documentos e informação. In: *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo, DPH/SMC/PMSP, 1992, p. 113-120.

LOPEZ, André Porto Ancona. *Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa*. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002.

ISAD(G): norma geral internacional de descrição arquivística. CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. 2ª ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

MENEZES, Maria Cristina. Memórias, identidades, representações: a voz dos professores. In: *Horizontes: Revista de Ciências Humanas*. Bragança Paulista/SP. Vol. 19, 2001, p.57-64.

_____. Dossiê: Cultura Escolar e a Cultura Material Escolar; entre arquivos e museus. In: Pro-Posições/Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação – Campinas, SP, v.16, n1 (46), p.11 - 193, 2005 (et. al.).

_____. O Arquivo Escolar: Lugar da Memória, Lugar da História. In: *Horizontes: Revista de Ciências Humanas*. Bragança Paulista, v.6, p.60-71, 2005 (et. al.).

NAGLE, J. A educação na Primeira República. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *História geral da civilização brasileira. Tomo III: O Brasil republicano*. Dir.: Boris Fausto. 2º v.: Sociedade e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: São Paulo: Difel, 1977, p. 259-291.

OLIVEIRA, D. A. Arquivo e documento. In: *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo, nº 200, 1991, p.113-148.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO – SÃO PAULO (ESTADO). *Manual de trabalho em arquivos escolares*. Secretaria da educação; elaboração de Teresa Marcela Meza Baeza. São Paulo: CRE Mário Covas, IMESP, 2003.

SOUZA, R. F. de. *Educação e Tradição: EEPG “Francisco Glicério” de Campinas 1897-1997*. Araraquara: UNESP, 1997.

_____. *Templos de Civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo*. São Paulo: UNESP, 1998.

TANURI, L. M. História da Formação de Professores. In: *Revista Brasileira de Educação*. Anped, nº 14, 2000, p.61-67.

TEIXEIRA Jr., OSCAR. Capítulo II. A Reforma do Ensino Paulista: a adoção do método intuitivo. In: _____. *Escola Complementar de Campinas (1903-1911): Espaço, Culturas e Saberes Escolares*. Campinas, SP: Faculdade de Educação/UNICAMP, dissertação de Mestrado, 2005, p. 69 - 93.

TESSITORE, V. *Os arquivos fora dos arquivos*. São Paulo, ARQ-SP, 2002.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. R. J.: Zahar, 1981.

_____. *Costumes em Comum*. S.P: Cia das Letras, 1998.

VILLELA, Heloísa. O ensino mútuo na origem da primeira escola normal do Brasil. In: BASTOS, Maria Helena Camara e FILHO, Luciano Mendes de Faria (orgs.). *A escola elementar no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1999 – p.145-175.

ZANATTA, Elaine Marques. *Perfil Institucional: Arquivo Edgard Leuenroth*. São Paulo, BIB São Paulo, n° 51, 1° semestre de 2001, p.127-134.

